



Eixo: Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional.

Sub-eixo: Fundamentos históricos e teórico-metodológicos.

## MEDIAÇÕES ENTRE O PARAÍSO DE KUZNETS E O RAGNAROG DE MARX

MARCO AURELIO NUNES DE BARROS<sup>1</sup>

**Resumo:** O economista Simon Kuznets, em 1955, demonstrou empiricamente que a dinâmica do capitalismo promove, no longo prazo, a redução da desigualdade social. Desde então o debate teórico econômico vem confrontando essa ideia. Neste artigo se discute as relações entre desigualdade e renda numa crítica à Kuznets, à luz das contribuições da economia política e das perspectivas de autores não-marxistas, como Thomas Piketty, Daron Acemoglu e James Robinson. Ao final se destaca que uma aproximação com os métodos da economia política em especial sua relação com a história permite ampliar as concepções e análises econômicas da crise do capitalismo atual.

**Palavras-chave:** Desigualdade Social; Karl Marx; Simon Kuznets; renda e trabalho; Thomas Piketty.

**Abstract:** Economist Simon Kuznets in 1955 empirically demonstrated that the dynamics of capitalism in the long run promotes social inequality reduction. Since then the theoretical economic debate has been confronting this idea. This article discusses the relationship between inequality and income in a critique of Kuznets based on the contributions of political economy and the perspectives of non-Marxist authors such as Thomas Piketty, Daron Acemoglu and James Robinson. In the end, it is emphasized that an approximation with the methods of political economy, especially its relation with history, allows us to broaden the conceptions and economic analyzes of the current crisis of capitalism.

**Keyword:** social inequality; Karl Marx; Simon Kuznets; Income and labor; Thomas Piketty.

### 1. INTRODUÇÃO.

As interpretações sobre o destino da sociedade capitalista têm, ao longo da história, assumido versões opostas e tão antagônicas que podem ser comparadas as narrativas míticas e escatológicas nas tradições religiosas, em dois polos o Ragnarog e o Paraíso celestial como destinos inescapáveis dessa forma de organização social.

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal Fluminense. E-mail: <sociologo.marco@gmail.com>.

O Ragnarok é o grande evento escatológico da mitologia nórdica, especialmente a viking. Neste evento, a grande batalha final entre as forças do bem e do mal, terá como resultado a destruição de todas as coisas conhecidas e existentes, inclusive haverá a morte dos deuses. Seria algo bem mais dramático que a narrativa cristã do apocalipse ou a crença no Armagedom, onde ao final o bem vence o mal e se instaura (ou restaura) uma ordem baseada na igualdade entre os homens, que sendo iguais entre si serão submissos tão somente a Deus.

Por vezes, entretanto o destino da humanidade e de suas criações (o capitalismo inclusive) é pensado como uma estrada que leva ao paraíso, como na consagrada canção do Led Zeppelin que fala de uma escada para o paraíso, onde o consumo resolve todos os problemas.

Essa versão otimista, pode ter suas origens nas ideias difundidas e consolidadas desde o surgimento das propostas iluministas, com sua crença inabalável na capacidade humana de superar os desafios e de vencer a natureza pela conquista crescente de domínio sobre ela, que o conhecimento científico<sup>2</sup> nos dá.

Outra fonte importante pode ser uma certa leitura mecanicista da história que uma compreensão limitada da perspectiva marxista pode levar, onde o desenvolvimento das forças produtivas inexoravelmente levará ao surgimento de um novo sistema social e econômico que superará o sistema atual e, portanto, em si mesmo será mais justo e emancipatório<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> A esse propósito sempre vale lembrar a crítica de Habermas, pois para ele no caso das ciências naturais, o interesse que orienta seu processo de conhecimento é o interesse técnico de dominação da natureza, que se enraíza nas estruturas da ação instrumental, baseada em regras técnicas, pelas quais o homem se relaciona com a natureza, submetendo-a a seu controle. Já o interesse que orienta as ciências histórico-hermenêuticas é o interesse comunicativo, enraizado nas estruturas da ação comunicativa, pela qual os homens se relacionam entre si, por meio de normas linguisticamente articuladas e cujo objetivo é o entendimento mútuo. (Habermas, 1975)

<sup>3</sup> Ainda na perspectiva Habermasiana, o movimento da história em si não é necessariamente emancipatório, pois as formas de controle instrumental acabam cooperando para a reificação dos sistemas de dominação e assim neutralizando o efeito emancipatório dos interesses comunicativos das ciências Histórico-Hermenêuticas, pelo estabelecimento de modelos de comunicação distorcidos, onde múltiplas nuances dos sistemas de dominação passam a atuar

O campo de manifestação mais permanente deste conflito de concepções é a própria economia política:

A economia política é uma das ciências sociais. Estuda as leis da produção social e da distribuição dos bens materiais nos diferentes estádios de desenvolvimento da sociedade humana. (...) A economia política — escreveu Lênin — não trata absolutamente da 'produção', mas das relações sociais dos homens na produção, do regime social da produção. A economia política estuda as relações de produção em sua interação com as forças produtivas. As forças produtivas e as relações de produção em sua unidade formam o modo de produção. (GORENDER, J. e ALMEIDA, J. de., 2015, s/p.)

A economia enquanto campo de conhecimento consolidou-se como uma disciplina onde concorrem visões de mundo completamente antagônicas, tal como descreveu Paul Singer:

Existe um conflito básico que divide a economia em duas escolas opostas. Esta divisão da economia em correntes, que se repelem e divergem e que inclusive, não tem uma linguagem comum, distingue os partidários da Economia Marginalista dos da Economia Marxista. Tal divisão é muitas vezes escamoteada pelos representantes dos grupos opostos. Em obras de economia política marxista encontra-se, geralmente, apenas uma exposição do assunto do ângulo, sem nenhuma menção à existência de outra análise completamente diferente e oposta. E a mesma coisa ocorre com a literatura marginalista, inclusive com o ensino nas universidades do mundo ocidental, em que o marxismo acaba sendo ou completamente esquecido ou então é aberto um parêntese ao longo da exposição, e se diz: existe uma escola arcaica que ainda se prende a conhecimentos superados por motivos ideológicos: o marxismo; fecha-se o parêntese e se continua. (SINGER, 1986. p.11)

Poderia então um economista formado e reconhecido como um liberal e aplicando alguns princípios e métodos da teoria econômica marginalista testar e demonstrar a validade da hipótese mais central do pensamento crítico marxista: de que há, na organização da ordem capitalista, uma tendência natural à concentração da riqueza e à produção em escala crescente de um sistema produtor de extrema desigualdade social e, ao mesmo tempo, pôr em xeque o principal e laureado argumento contrário, que vem sendo defendido a 60 anos e há 44 é detentor do prêmio nobel de economia de que a ordem capitalista apresenta como tendência principal a redução das desigualdades na

---

sobre os sujeitos e atores sociais (um líder operário socialista pode ter poturas sexistas, machistas e racistas nessa perspectiva).

medida em que o desenvolvimento das rendas aumenta, a famosa curva<sup>4</sup> em U inverso de Simon Kuznets?

Uma visão estreita do pensamento marxista classifica Karl Marx como um arauto do Ragnarok, por outro lado, uma visão ufanista do pensamento liberal admira Simon Kuznets como um dos anjos que elevou a sacralização o entendimento do capitalismo. Quais são as mediações analíticas possíveis entre o paraíso de Kuznets e o inferno de Marx? Poderia a metodologia e as estratégias teóricas marginalistas servirem de base para a demonstração da validade da tese marxiana?

1.1. O homem é produto das relações sociais de seu tempo, inclusive Karl Marx.

No prefácio de *Contribuição para a crítica da economia política* de 1859, nos escreveu Marx:

Na produção social de sua vida, os homens estabelecem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase do desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual em geral. (BOTTOMORE, 1988. p. 53)

Um século fora do comum e que deixou um legado impressionante! Assim poderia ser descrito o século XIX, pois as grandes marcas de transformação nas ideias e nas formas de existência humana que foram desbravando os caminhos e que permitiram muitos dos avanços científicos,

---

<sup>4</sup> A curva de Kuznets tornou-se tão presente na literatura econômica que passou a ser até utilizada como argumento analítico até em áreas como o meio ambiente, onde seriam os países em desenvolvimento os maiores responsáveis pelos problemas ambientais que o planeta vive atualmente. Uma boa crítica econométrica desse argumento está em Carvalho e Almeida, 2010.

técnicos, político, sociais e humanos que se realizaram ao longo do século XX tiveram seu ponto forte de manifestação no século XIX, inclusive a expansão do pensamento e da prática marxista.

Foi um século marcado pela presença de vários cientistas, inventores, artistas e pensadores extraordinários: como a única pessoa na história da ciência a receber duas vezes o prêmio nobel em física e também ser a primeira mulher a recebê-lo, Marie Curie que nos deixou como legado a invenção da palavra radioatividade e o uso das emissões de radiação para ensaios não destrutivos e não invasivos.

Ainda para caracterizar esse tempo é preciso destacar algumas obras de artes paradigmáticas<sup>5</sup>: *A Origem do Mundo* de Gustave Courbet; *Chuva, Vapor e Velocidade* de William Turner; *Entre as montanhas da Sierra Nevada* de Albert Bierstadt e *Túmulo sob a neve* de Caspar David Friedrich.

Na primeira pintura, uma vagina descoberta, entreaberta e cabeluda é tornada obra de arte; na segunda uma mistura de sombras descortina num horizonte chuvoso o movimento ágil de uma máquina a vapor que se mistura com a fumaça e com a chuva e torna a paisagem e a natureza elementos visíveis da capacidade humana produtiva e criativa que domina o mundo com as máquinas automotivas.

Na terceira e na quarta das telas listadas acima, o esplendor da natureza é celebrado como algo saudoso, pois o domínio do homem parece estar pervertendo-a e tornando-a algo existente apenas em algum passado mitológico onde o homem era menor e menos poderoso que ela e assim ele lhe era subordinado, bem em contradição com o que nesse tempo ela acaba sendo

---

<sup>5</sup> Não se deseja aqui dar uma única interpretação finalística do que representaram as expressões artísticas do século XIX, ou que romantismo, realismo e demais correntes artísticas desse período tivessem o mesmo significado em toda a Europa, mas apenas demonstrar que o campo ideológico e histórico está profundamente marcado pelas imensas, desafiadoras e duras transformações que aquelas sociedades estavam passando nesse período.

reduzida: ser apenas fonte de recursos para os processos fabris da indústria humana<sup>6</sup>.

Talvez essa imensa riqueza de percepções e representações artísticas que explodiram ao longo do século XIX e que revelaram as contradições no pensamento burguês seja uma das razões para a crítica de Marx às formas de apropriação das manifestações no materialismo idealista de Feuerbach: “[...]Não satisfeito com o pensamento abstrato, Feuerbach recorre à percepção sensível. Não concebe, porém a sensibilidade como uma atividade prática humano-sensível” (Marx, 1999, p.6)

Ainda neste campo do pensamento sensível e abstrato<sup>7</sup> cabe alguns breves comentários sobre a literatura do século XIX na Europa capitalista em expansão que interessam a este texto: França e Inglaterra. A literatura é a forma de expressão que vai destacar personagens também intensamente mergulhados nas contradições históricas desse período.

Um exemplo disso pode ser percebido no surgimento e sucesso de personagens femininas completamente distanciadas dos ideais de submissão, típicos do romantismo clássico, assim como uma presença maior de escritoras no meio literário, destaque-se aqui o trabalho da inglesa Jane Austen que pode ser entendida como um ícone desse fenômeno, que constrói em Lizzy Bennet, personagem central de *Orgulho e Preconceito*, um novo modelo de mulher dona de sua vontade e senhora de seu destino, que faz suas escolhas com conveniência a si mesma e não aos estatutos da sociedade burguesa vitoriana.

---

<sup>6</sup> A força dessa crítica romantizada à capacidade destrutiva do homem sobre a natureza vai ser renovada, no século XX, na produção literária de John R. R. Tolkien, especialmente nos livros *O Hobbit*, *O Silmarillion*, e na trilogia *O senhor dos Anéis*, onde são os Orcs (seres malignos e perversos) que destroem a natureza com suas máquinas (especialmente para fazer a guerra). Uma frase muito conhecida sua é: “se déssemos à comida, à alegria e às canções mais valor que ao ouro, este seria sem dívida um mundo mais feliz!”

<sup>7</sup> Como ilustração cabe perceber a mudança de significado por que passam 5 vocábulos (abruptamente se considerarmos quanto lentas essas transformações em geral acontecem): *industry* (que significava “criatividade”), *democracy* (que era utilizada como pejorativa para significar “multidão”), *class* (agora passou também a ser usada com uma conotação social), *art* (que antes significava apenas “artesanato”) e *culture* (que se referia tão somente às atividades agrícolas).

A França produz, por outro lado, personagens femininas ainda mais fortes pelas mãos de Gustave Flaubert e de Alexandre Dumas Filho, respectivamente, Emma Bovary e Margerite Gautier. Ambas mulheres que enfrentam e zombam dos valores e da moralidade burguesa, entretanto ambas sucumbem ao fim das respectivas trajetórias. Os valores burgueses não perdoam as dissensões.

A Dama das Camélias, de Dumas Filho foi publicado em 1848, e tem como pano de fundo a chama Primavera dos Povos, uma série de levantes populares daquele ano que ocorreram na Europa Oriental e Central, incluindo a cidade de Paris. Esse também é o ano em que a famosa frase de Marx um espectro ronda toda a Europa é publicada com a primeira edição do Manifesto do Partido Comunista.

Madame Bovary, foi publicado apenas em 1857, as atitudes independentes e a crítica aos valores e modo de vida pequeno-burgueses dessa personagem, que vive em si, as contradições de um mundo romanticamente idealizado e a realidade monótona e infeliz no casamento e nos valores da burguesia, faz com que encontre apenas no adultério sua expressão de liberdade e felicidade. Isso gerou uma forte oposição conservadora que rendeu ao autor e ao editor um processo por ofensa a moral e a religião. Flaubert assim descreve como Emma vive as idealizações burguesas da vida:

*Gostava do mar apenas pelas suas tempestades e da verdura só quando a encontrava espalhada entre ruínas. Tinha necessidade de tirar de tudo uma espécie de benefício pessoal e rejeitava como inútil o que quer que não contribuísse para a satisfação imediata de um desejo do seu coração - tendo um temperamento mais sentimental do que artístico e interessando-se mais por emoções do que por paisagens. (FLAUBERT, 1857, p41)*

No Campo do pensamento filosófico, várias são as escolas, correntes ou tendências que, além do trabalho de Marx e Engels se estruturaram no século XIX, podemos listar brevemente pensadores como: Georg Hegel, Auguste Comte, Soren Kierkegaard, Ludwig Feuerbach, Thomas Malthus, Bruno Bauer, Max Stinner; Wilhelm Dilthey, Emile Durkheim, Francis Bradley, Friedrich

Nietzsche, Henri Bergson, John Stuart Mills, William James e até Sigmund Freud cujos trabalhos iniciais ocorrem neste século.

Nessa lista temos: Idealismo, Hermetismo, Edonismo, Eudemonismo, Positivismo, Existencialismo, Utilitarismo e as jovens ciências da psicanálise e a da sociologia. Num fluxo tão intenso de conceituações e de tentativas interpretativas das complexas realidades que se apresentavam aos observadores daquele tempo que parece que mesmo no campo da filosofia, o pensamento se encontrava desorientado e alienado, talvez por isso a mais conhecida das 11 teses de Marx sobre Feuerbach seja: *Os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de formas diferentes; trata-se, porém, de modificá-lo.* (Marx, 1999, p.8).

Evidentemente que nos campos econômico, político e social esse também foi um tempo de muita transformação, conflito e crise. O crescimento populacional e as mudanças organização do trabalho com a consolidação modo do capitalismo de produção e da vida centrada na cidade se destacam nesse contexto.

Uma outra questão muito reveladora do século XIX é que pela primeira vez a população mundial alcançou a marca de 1 bilhão de indivíduos (por volta do ano 1804), desde então, a população mundial não parou mais de crescer reduzindo inclusive o tempo médio necessário para alcançar a marca de mais 1 bilhão de indivíduos.

Entretanto, dentre todas as questões que marcam o século XIX como singular, a mais importante parece ser a existência e consolidação de uma classe social surgida exclusivamente pelo modo capitalista de produção e que concentra imensas parcelas da renda nacional, nas diferentes sociedades locais, como nunca se tinha visto antes na história, e que hoje, dois séculos, depois faz com que o 1% mais rico seja detentor de mais de 50%, de toda riqueza do planeta<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Segundo pesquisa do banco Credit Suisse, havia em 2014, no mundo, 92 pessoas com patrimônio superior a 10 bilhões de dólares que juntas teriam mais da metade da renda dos



## 2. DESENVOLVIMENTO.

### 1.1. Simon Kuznets e a curva da esperança capitalista.

Simon Kuznets, partindo hipóteses, evidências empíricas e de dados sobre o crescimento e distribuição da renda em dois estados alemães, nos Estados Unidos e no Reino Unido, escreveu uma série de trabalhos sobre desigualdade e renda ao longo da década de 1950, sua importância se dá especialmente por ter sido umas das primeiras pessoas a poder tratar estatisticamente bases dados relativos ao imposto de renda nos Estados Unidos e junto com outros inovadores<sup>9</sup> conseguir organizar as primeiras informações concretas sobre a renda nacional.

Como consequência disso pode identificar um período da história americana (de 1913 a 1948) em que a desigualdade na distribuição da renda nacional chegou a cair cerca de 10%. O que suscitou muitos debates nos meios acadêmicos do pós-guerra. O próprio Kuznets estava consciente do caráter acidental dessa compressão das altas rendas americanas.

Em grande medida, a compressão se deveu aos vários choques desencadeados pela Grande Depressão dos anos 1930 e pela Segunda Guerra Mundial, sem qualquer origem num processo natural e espontâneo. No livro que publicou em 1953, Kuznets analisa suas séries em detalhe e adverte o leitor contra generalizações precipitadas. Entretanto, em dezembro de 1954, na palestra que proferiu como presidente da American Economic Association durante um encontro em Detroit, propôs aos colegas uma interpretação bem mais otimista dos resultados de seu livro. (PIKETTY, 2014. p.20)

Em março de 1955, Kuznets publica na Revista Americana de Economia<sup>10</sup> o artigo *Crescimento econômico e desigualdade de Renda*. Este artigo começa com duas perguntas provocadoras e muito importantes: 1) A desigualdade de renda aumenta ou diminui no curso do desenvolvimento

---

50% mais pobres do planeta. A última lista da revista Forbes listou 160 brasileiros com fortunas superiores a 1 bilhão de dólares. Segundo a OXFAN, em 2015, 62 pessoas no mundo já possuíam riquezas equivalentes a dos 50% mais pobres.

<sup>9</sup> John W. Kendrick nos Estados Unidos, Arthur Bowley e Colin Clark no Reino Unido ou L. Dugé de Bernonville na França.

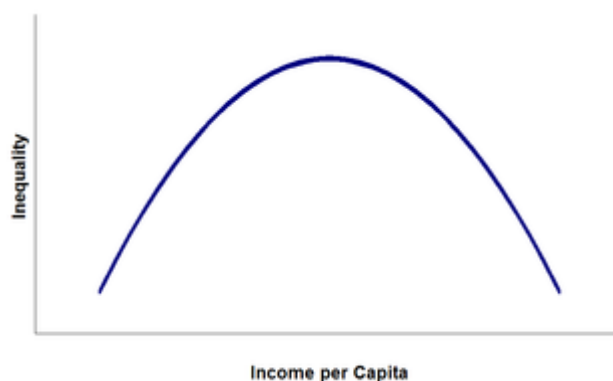
<sup>10</sup> Economic American Review, Number One, Volume XLV.

econômico de um País? E 2) Quais fatores determinam as tendências e os níveis seculares de desigualdade de renda?

Ao final o autor defende a existência de um movimento geral da distribuição da renda, que foi considerada por outros economistas como uma lei. Segundo essa lei a relação entre crescimento econômico e a distribuição da renda se desenvolve, ao longo do tempo, nas sociedades capitalistas de um modo muito particular, criando para o fenômeno da desigualdade de renda, uma curva em forma de U invertido (ou sino), dessa maneira, a desigualdade cresce no início da industrialização, alcança um pico e depois entra em declínio quando os processos de desenvolvimento econômico e industriais começam a avançar.

A ideia era que a desigualdade aumenta durante as primeiras fases da industrialização, pois apenas uma minoria está em condições de se beneficiar dos ganhos iniciais do processo e, mais adiante, nas etapas mais avançadas do desenvolvimento, cai de forma automática, ou endógena, quando uma fração cada vez maior da população passa a desfrutar do crescimento econômico (PIKETTY, 2014. p.21)

Figura 1 – Curva de Kuznets.



Fonte: PIKETTY, 2014

Essa hipótese poderia demonstrar que o desenvolvimento da economia capitalista industrial leva necessariamente, a redução das desigualdades, essa

é a famosa hipótese de Kuznets que também passou a ser ilustrada pela figura 1 que representa a forma geral da equação da referida lei.

Apesar de Kuznets, neste texto, considerado por outros economistas como o seu trabalho seminal<sup>11</sup>, fazer algumas ressalvas sobre os limites dos dados que possibilitaram a formulação da hipótese central, por fim ele cede ao que Piketty (2014) vai denominar o conto de fadas de Kuznets:

A leitura desse texto de 1955 é reveladora. Depois de lembrar aos leitores todas as razões para ter cautela na interpretação dos dados e de chamar a atenção para a importância inequívoca do papel dos choques exógenos na redução da desigualdade americana, Kuznets sugere, de maneira quase ingênua, que a lógica interna do desenvolvimento econômico pode levar ao mesmo resultado, independentemente de qualquer intervenção política ou choque externo. (PIKETTY, 2014, 2014. p.21)

O sucesso no meio acadêmico<sup>12</sup>, político e econômico das ideias relativas à curva de Kuznets é mais devido ao contexto de sua enunciação, o período da guerra fria, do que aos achados empíricos que possam ter sido levantados para confirmar a existência da referida correlação ou mútua dependência dos fatores.

É bastante sugestivo que para países de renda média ou baixa, especialmente os da América Latina, e mesmo para alguns países de alta renda se possa perceber algum ajustamento da dinâmica da desigualdade de renda e a curva, porém vários economistas, inclusive alguns brasileiros não encontrem achados que deem validade à hipótese Kuznetsiana.

LINHARES et alli, (2012) num estudo sobre o Brasil empregando um painel de dados para 21 estados ao longo do período de 1986 a 2005, lista uma série trabalhos na literatura internacional quem tem reforçado a hipótese

---

<sup>11</sup> Vários economistas argumentam que o autor tinha suas próprias reservas à fragilidade dos dados que sustentavam a hipótese, inclusive o biógrafo dos métodos científicos de Simon Kuznets Robert Fogel. Para ele, vários dos escritos de Kuznets foram dedicados a explicar os conflitos entre os diferentes fatores na relação entre crescimento da renda e redução da desigualdade.

<sup>12</sup> A força ideológica da curva de Kuznets é tão grande que ela é utilizada para explicar os mais diferentes fenômenos, por exemplo na página do Banco Mundial, três economistas Paulo Bounanno, Leopoldo Fergunson e Juan Vargas apresentaram a curva criminal de Kuznets, onde os autores defendem que existe uma relação não linear entre desigualdade e crime que é afetada pela queda da renda e aumento da desigualdade.

Kuznets, utilizando as mais diferentes abordagens metodológicas e possuindo em geral, dados empíricos consistentes:

Na literatura internacional, grande parte dos estudos empíricos que contemplam grupos de países desenvolvidos e em desenvolvimento é favorável à hipótese de Kuznets, mesmo quando metodologias diferenciadas são utilizadas. Nesse sentido, Kravis (1960), Oshima (1962), Adelman e Morris (1974), Paukert (1973), Ahluwalia (1976a), Robinson (1976), Ram (1989), Perotti (1996), Dawson (1997), e Ogwang (2000) e Sylvester (2000) são exemplos de estudos baseados em dados de corte transversal (cross-section) e que reportam evidências favoráveis à hipótese em questão. Utilizando dados de séries temporais para a economia americana, Hsing e Smith (1994) não rejeitam a hipótese de Kuznets. O mesmo fato é observado nos estudos de Forbes (2000), Deininger e Squire (1998), Barro (2000) e Thornton (2001) ao utilizarem dados em painel. Um dos principais trabalhos que não apoia a hipótese do U invertido é o de Fields e Jakubson (1994), baseado em estimativas para o painel com efeitos fixos. (p. 405)

No mesmo trabalho, por outro lado, os autores quando se referem ao caso brasileiro deixam claro que não há consenso entre os economistas nos estudos realizados:

Nos estudos para os dados brasileiros, os primeiros resultados sugerem, em geral, que o crescimento econômico não tem relação com a desigualdade de renda (Ravallion, 1995; Deininger e Squire, 1996, 1998; Schultz, 1998; Bruno, Ravallion e Squire, 1998), enquanto resultados mais recentes são favoráveis à hipótese de Kuznets (Barreto, Jorge Neto e Tebaldi, 2001; Bêni, Marquetti e Kloeckmer, 2002; Bagolin, Gabe e Ribeiro, 2004; Jacinto e Tejada, 2004; Salvato et al., 2006; Barros e Gomes, 2008). (LINHARES ET ALI, 2012. p. 405)

Ao final os autores concluem que no caso brasileiro, as relações entre desigualdade e renda não seguem um padrão único para todos os estados ou classes de renda no país, identificam três dinâmicas diferentes segundo as classes de renda média e sugerem que as políticas públicas para redução da desigualdade de maior impacto deveriam ser focalizadas em função das classes de renda.

Dessa forma, as políticas deveriam ser de tipo bottom-up e diferenciadas. Para os estados com classes de renda menor, melhorias na oferta e qualidade de educação e saúde seriam mais impactantes para redução das desigualdades e nas de rendas mais altas o suporte a expansão do desenvolvimento econômico deveria ser priorizado.

ACEMOGLU e ROBINSON (2002) argumentam, a partir de evidências históricas, que nas diferentes sociedades onde a curva de Kuznets parece corresponder à dinâmica da relação entre desigualdade e desenvolvimento econômico é facilmente perceptível uma mudança no comportamento e na dinâmica política dessas sociedades, pois a pressão social dá emergência a reformas políticas e econômicas que visavam evitar revoltas ou revoluções.

As elites, dessas sociedades foram forçadas a ceder espaço político e econômico quando as classes sociais empobrecidas se organizam e conquistam paulatinamente posições melhores na competição social.

Os autores, mesmo fazendo a ressalva de que as evidências históricas que utilizaram foram sobre a Grã-Bretanha<sup>13</sup>, indicam que a democratização é o fator chave da curva de Kuznets<sup>14</sup>:

1. Inequality was increasing before the extension of the franchise. 2. The franchise was extended as a strategic move to avoid a revolution or at least very costly political unrest. 3. Democratization led to surge in redistribution, and the increased supply of educated works cause by this redistribution, and direct impacts of these redistributive efforts, were key factors in Kuznets pattern of inequality. (ACEMOGLU e ROBINSON, 2002. p.186)

Resumidamente, para Acemoglu e Robinsom (2012), respetivamente professores do MIT e de Harvard, a dinâmica da economia tem efetiva relação com a dinâmica da política e das classes em sua luta social. Ainda que se atribua e demonstre alguma validade na curva de Kuznets serão fatores relacionados à correlação de forças entre as classes sociais e o grau de organização e autoconsciência da sociedade civil que possibilitarão a ocorrência do fenômeno<sup>15</sup>. Nesse sentido, a independência do econômico

---

<sup>13</sup> Cabe notar que apesar de a Grã-Bretanha ser o foco das evidências o mesmo modelo é válido para a análise de outras 3 sociedades europeias: a francesa, a alemã e a suíça, segundo os autores.

<sup>14</sup> Numa tradução livre: 1. A desigualdade cresceu antes da ampliação do direito de votar; 2. O direito de votar foi ampliado como modo de evitar uma revolução ou os altos custos de uma revolta política; 3. A democratização levou a uma onda de redistribuição e os impactos diretos desses esforços redistributivos e o apoio às causas dos trabalhadores educados, são fatores decisivos do padrão de desigualdade de Kuznets.

<sup>15</sup> Os autores listam 4 caminhos possíveis para as relações entre desigualdade e renda: 1- A democracia distributiva, onde a dinâmica das classes sociais em luta forçam a redistribuição e a democratização, desse modo a hipótese de Kuznets pode ocorrer; 2- O Desastre Autocrático, onde a dinâmica da luta social não oferece risco de revolução ou a sociedade civil não se autodesenvolveu o bastante. A desigualdade aumenta; 3-O milagre do Leste Asiático, onde os

frente ao social e histórico, um dos fundamentos da ciência econômica liberal é posta em xeque.

## 1.2. Piketty - A aproximação com a economia política.

Karl Marx teve os insights mais espetaculares sobre a dinâmica capitalista e construiu a mais bem estruturada teoria econômica sobre a riqueza e sua origem, o trabalho humano. Inaugurou uma nova ciência econômica, militante e comprometida com a mudança da sociedade. Dedicou sua vida a difusão de uma perspectiva científica, política, filosófica e social completamente novos e revolucionários, por isso é justo tudo o que Engels lhe dedica no discurso de seu funeral:

Assim como Darwin descobriu a lei do desenvolvimento da Natureza orgânica, descobriu Marx a lei do desenvolvimento da história humana: (...) Marx descobriu também a lei específica do movimento do modo de produção capitalista hodierno e da sociedade burguesa por ele criada. Com a descoberta da mais-valia fez-se aqui de repente luz, enquanto todas as investigações anteriores, tanto de economistas burgueses como de críticos socialistas, se tinham perdido na treva. (...) Era, assim, o homem de ciência. Mas isto não era sequer metade do homem. A ciência era para Marx uma força historicamente motora, uma força revolucionária. (Engels, 1883)

Entretanto, Marx não fez contas. No método e no raciocínio de Marx, por mais que se encontrem alguns exemplos ou raciocínios numéricos no *Capital* em outras obras, como salário, preço e lucro de 1865, estes não são baseados num conceito de ciência econométrica e formalista e poucas eram as bases estatísticas válidas e objetivas no tempo de sua produção e seus estudos.

Essa sempre foi uma crítica velada dos seus detratores e uma questão escamoteada por seus defensores, alguns inclusive defendem seus exemplos do capital como se estes estivessem de fato sido extraídos de algum órgão de

---

benefícios do crescimento da renda foram sendo compartilhados com os mais pobres o que amorteceu as lutas sociais por mudança (Coreia do Sul e Taiwan) e o 4 – Revolução, quando o estado de desigualdade é tão intenso e as lutas sociais adquirem uma dinâmica onde somente a tomada do poder pelos mais radicais passa a ser a alternativa legitimada socialmente.

controle governamental ou do escritório de alguma consultoria contábil, a ciência de Marx, de certa forma, prescinde dos números.

Foram necessários mais de 170 anos desde as famosas teses sobre Feuerbach e a proposta de que a filosofia passasse a transformar o mundo e não apenas interpretá-lo ou desde os manuscritos econômicos-filosóficos onde a crítica da economia começa a ganhar forma, para que a ciência econômica diversa do marxismo fizesse as contas e chegasse a conclusões semelhantes ao do grande pensador.

Thomas Piketty fez isso, ele faz as contas! Ele não é um marxista, mas tão pouco faz uma ciência econômica pautada na econometria pura e simples, pois segundo ele a matemática é uma paixão juvenil da economia:

Não gosto muito da expressão ciência econômica, que me parece terrivelmente arrogante e poderia fazer crer que a economia teria atingido uma cientificidade superior, específica, distinta da de outras ciências sociais. Prefiro a expressão economia política, talvez um pouco antiquada, mas que tem o mérito de ilustrar o que me parece ser a única especificidade aceitável da economia dentro das ciências sociais, a saber, seu propósito político, normativo e moral. (...). Desde suas origens, a economia política busca estudar cientificamente, ou ao menos racionalmente, de maneira sistemática e metódica, qual deve ser o papel ideal de um Estado na organização econômica e social de um país, bem como quais são as instituições e as políticas públicas que mais nos aproximariam de uma sociedade ideal. (PIKETTY, 2014. p.557)

O autor define seu trabalho metodologicamente *como uma estrutura teórica inovadora que permite compreender melhor as tendências e os mecanismos em operação* (PIKETTY, 2014. p.11).

Ao estudar comparativamente os dados sobre renda, produção e riqueza de três séculos (do XVIII ao XX) em 20 países e aproximar métodos de diferentes ciências sociais, pois para ele a economia é uma subdisciplina das ciências sociais, onde não cabe muito espaço para disputas territoriais. Este método possibilita uma compreensão mais extensa do processo, por mais que, ainda imperfeita e incompleta.

Os resultados alcançados com o trabalho identificam o que ele denomina os dois conjuntos de forças na dinâmica social e histórica do sistema

de mercado e propriedade privada: a primeira convergente que é ligada sobretudo à difusão do conhecimento e das qualificações e a segunda divergente vigorosa e potencialmente desestabilizadora para as sociedades democráticas e para os valores de justiça social.

O autor define a principal força divergente e desestabilizadora:

A principal força desestabilizadora está relacionada ao fato de que a taxa de rendimento privado do capital  $r$  pode ser forte e continuamente mais elevada do que a taxa de crescimento da renda e da produção  $g$ . (...) A desigualdade  $r > g$  faz com que os patrimônios originados no passado se recapitalizem mais rápido do que a progressão da produção e dos salários. Essa desigualdade exprime uma contradição lógica fundamental. O empresário tende inevitavelmente a se transformar em rentista e a dominar cada vez mais aqueles que só possuem sua força de trabalho. Uma vez constituído, o capital se reproduz sozinho, mais rápido do que cresce a produção. **O passado devora o futuro.** (PIKETTY, 2014. p.555 – grifos nossos)

A linguagem elaborada e esquemática do autor é reveladora, pois apesar de não seguir a trajetória do pensamento dialético e, portanto, ainda se encontrar envolto no que Marx denominou, no capital como fetichismo, seu estudo possibilita o uso de um achado empírico importante sobre a natureza da dominação no âmbito da burguesia atual: a hegemonia dos financistas.

Mais revelador ainda é a postura denunciadora do autor de que esse é o principal elemento de risco para a vida na própria sociedade de mercado e propriedade privada, tanto do ponto de vista humano (questões relativas aos ideais de justiça), quando da própria lógica mercantil, pois há desestímulo ao espírito e comportamento empreendedor.

Por isso, as altas rendas de capital (financeiras) em oposição ao crescimento da renda e da produção, que ele simboliza com a equação  $r > g$  seria a grande contradição lógica do capitalismo e ainda adverte:

As consequências podem ser terríveis para a dinâmica de longo prazo da divisão da riqueza, sobretudo se adicionarmos a isso a desigualdade do rendimento em função do tamanho do capital inicial e se esse processo de divergência das desigualdades dos patrimônios se estender para uma escala mundial. (PIKETTY, 2014. p.555)



Ele ainda nos lembra que essa era a dinâmica mais característica do capitalismo no século XIX, a reprodução quase autônoma das fortunas pelo simples movimento do das fortunas e não da produção, algo parecido como os alertas de ARRIGHI (1996), DOBB (1963) e HARVEY (2001) que explicitamente declara sobre a rigidez dos ganhos de capital na sociedade do pós-guerra:

Por trás de todos esses traços específicos da rigidez, havia uma configuração muito pesada e aparentemente fixa do poder político e das relações recíprocas, que atou em larga escala as grandes massas de trabalhadores, o grande capital e o governo, a um nó disfuncional de interesses adquiridos, definidos de forma tão estrita que mais fizeram minar do que garantir a acumulação de capital. (p,142)

Por que o pós-guerra é importante nesse contexto? Quem nos responde de novo é PIKETTY (2014, p.556): No século XX, foram as guerras que fizeram tábula rasa do passado e reduziram bruscamente o retorno do capital, dando, assim, a ilusão de uma superação estrutural do capitalismo e dessa contradição fundamental.

### 3. CONCLUSÃO

A solução intermediária proposta por Piketty<sup>16</sup> é a taxação progressiva dos rendimentos do capital, como forma de inverter a relação entre rendimento advindo da renda de capitais comparada à advinda de capitais produtivos, mas ele próprio indica os vários limites para isso, tanto no que diz respeito aos aspectos políticos territoriais quanto aos aspectos de manutenção do espírito empreendedor.

---

<sup>16</sup> Apesar de metodológica e filosoficamente Thomas Piketty não ser um socialista, pois a categoria de trabalho está subsumida, na categoria produção, em seu argumento. Ele ao final estabelece um cenário frutífero de diálogo entre as tradições econômicas, além de fazer uma advertência muito importante: “Mas me parece que os pesquisadores em ciências sociais de todas as disciplinas, os jornalistas e comentaristas, os militantes sindicais e os políticos de todas as tendências e, sobretudo, todos os cidadãos deveriam se interessar com seriedade pelo dinheiro, por sua medida, pelos fatos e pelas evoluções que o rodeiam. **Aqueles que possuem muito nunca se esquecem de defender seus interesses. Recusar-se a fazer contas raramente traz benefícios aos mais pobres.**” (p.561. Grifo nosso.)

Entretanto, esse movimento não se realizará sem uma ampliação da participação social e política dos movimentos sociais e uma reorientação do papel do Estado, nesse caso, os limites impostos pela sociabilidade burguesa é também um elemento restritivo a ser superado.

Parece que, ao final, o desenvolvimento da história do capitalismo dá razão ao velho alemão (tão perseguido e odiado por tantos como disse Engels em seu túmulo) que o capitalismo, como sistema só recua à força de destruição e guerra, ou seja, parece que vivemos num sistema onde a redenção é o ragnarok.

## REFERÊNCIAS

ACEMOGLU, Daron.; ROBINSON, James. The Political economy of Kuznets Curve. **Review of development economics**, [S.l.], v.2, n.6, p.183-203, 2002.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e a origem do nosso tempo**. São Paulo: UNESP, 1996.

BAUMGARTEN, Maíra. Habermas e a emancipação: rumo à democracia discursiva? **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, n.10, p. 137-178, 1998.

CARVALHO, Terciane Sabadini; ALMEIDA, Eduardo. A hipótese da curva de Kuznets ambiental global: uma perspectiva econométrico-espacial. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 587-615, set. 2010.

FLAUBER, Gustave. **Madame Bovary**. Livro digital. Disponível em: <<http://www.livros-digitais.com/gustave-flaubert/madame-bovary/1>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

HABERMAS, Jürgen. Conhecimento e Interesse In: \_\_\_\_\_. **Escola de Frankfurt**. Os Pensadores, XLVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 2001

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. Fonte Digital. [S.l.]: Ridendo Castig Moraes, 1999

MARX, Karl. **O Capital: a crítica da economia política**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. (Coleção Os economistas).

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.